

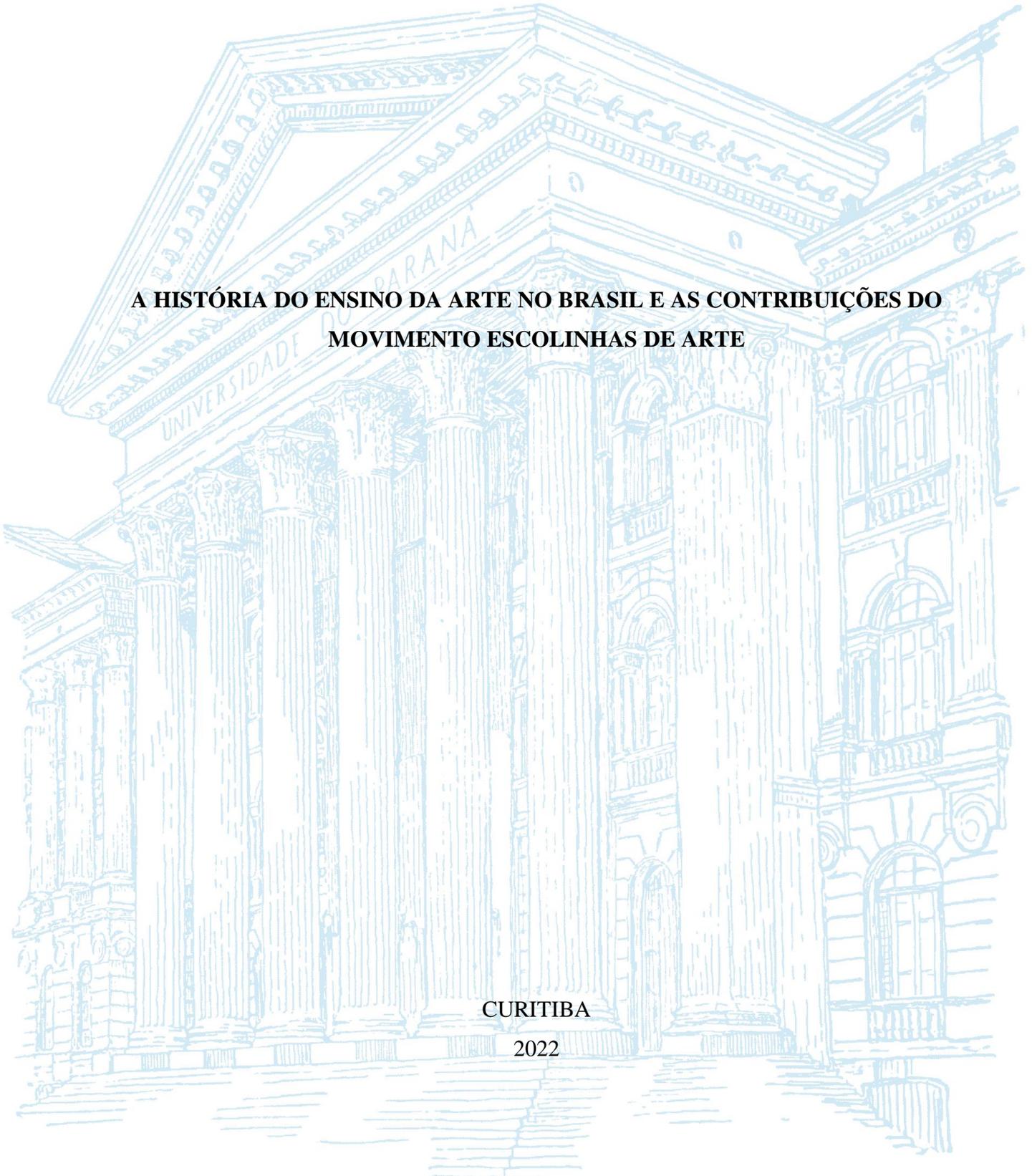
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE ARTES

REBECCA GREIN PEREIRA

**A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL E AS CONTRIBUIÇÕES DO
MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE**

CURITIBA

2022



REBECCA GREIN PEREIRA

**A HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL E AS CONTRIBUIÇÕES DO
MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao curso de graduação em Artes Visuais, Setor de Artes, Comunicação e Design, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado (a) em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Me. Felipe Cardoso de Mello Prando.

CURITIBA

2022

AGRADECIMENTOS.

A Deus, pois sem sua graça e misericórdia não seria possível completar esta trajetória, assim como ter escrito e desenvolvido esta pesquisa.

Aos meus pais, Carlos Roberto Pereira e Stela Grein Ricardo Pereira, e a minha irmã Beatriz Grein Pereira.

A madrinha e tia amada Claudia Grein e aos meus primos por terem sido minha rede de apoio durante este período de graduação.

Aos amigos e entes queridos que de forma direta ou indiretamente, forneceram para mim amparo e suporte ao decorrer desta trajetória acadêmica.

Ao meu Professor e Orientador Felipe Cardoso de Mello Prando pelas suas orientações e contribuições para com a pesquisa e minha formação como docente.

Ao Professor Ricardo Carneiro Antonio pelos seus ensinamentos.

As minhas tias que são minha inspiração na área da Educação e as quais dedico esta pesquisa: Angela Grein Maximiano, Luciane Grein Pereira e Marília Grein Macedo.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal estudar a trajetória do ensino da arte, entretanto buscou-se dar ênfase ao aprendizado do desenho no Brasil, discorrendo sobre as principais reformulações de sua didática e de seu significado como linguagem artística focando nos seguintes períodos: Brasil Império, Semana da Arte Moderna e Ditadura Civil Militar. Buscou-se com este estudo trazer também os principais movimentos que modificaram o pensamento e visão em relação ao ensino da arte e, sendo assim, o do desenho, trazendo propostas pedagógicas que visavam de fato valorizar a criatividade e expressão do estudante e que de certa forma influenciou na reestruturação do ensino da arte nas escolas de ensino regular: Movimento Escolinhas de Arte e o Movimento de Arte- Educação sendo que, este último, pode ser entendido como desdobramento ou até mesmo ser um sinônimo do primeiro mencionado anteriormente. Neste sentido, o artigo também traz uma pesquisa sobre estes movimentos, assim como sobre suas propostas pedagógicas, focando nas Escolinhas de Arte que, podemos concluir, agiu diretamente com suas contribuições nas instituições de ensino no Brasil. Desta forma, buscou-se com esta pesquisa analisar estas contribuições para se pensar em uma nova proposta pedagógica sobre o ensino do desenho nas escolas atuais.

Palavras-chaves: arte-educação; ensino do desenho; movimento escolinhas de arte; desenho infantil; desenho e geometria.

ABSTRACT

The main objective of the present article is to study the history of art teaching, however, we sought to emphasize the learning of drawing in Brazil, discussing the main reformulations of its teaching and its meaning as an artistic language focusing on the following periods: Brazil Empire, Modern Art Week and Military Civil Dictatorship. This study also aims at bringing the main movements that have changed the thinking and vision in relation to the teaching of art and, therefore, of drawing, bringing pedagogical proposals that aimed at valuing the student's creativity and expression and that, in a certain way, have influenced the restructuring of art teaching in regular schools: Movimento Escolinhas de Arte and Movimento de Arte- Educação. In this sense, the article also brings a research on these movements, as well as on their pedagogical proposals, focusing on the Escolinhas de Arte, which, we can conclude, acted directly with its contributions in the teaching institutions in Brazil. In this way, this research sought to analyze these contributions in order to think about a new pedagogical proposal for the teaching of drawing in today's schools.

Keywords: art education; drawing teaching; movement escolinhas de arte; children's drawing; drawing and geometry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 A HISTÓRIA DO ENSINO DO DESENHO NO BRASIL.....	Error! Bookmark not defined.7
1.1 O ENSINO DO DESENHO NO BRASIL IMPÉRIO (1879-1889).....	7
1.2 O ENSINO DO DESENHO NO BRASIL: SEMANA DE ARTE MODERNA E AS MUDANÇAS NO ENSINO DA ARTE (1922-1970).....	10
1.3 O ENSINO DO DESENHO NA DITADURA CIVIL-MILITAR (1970- 1996).....	13
2 MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE NO BRASIL	16
2.2 A PROPOSTA PEDAGÓGICA E A METODOLOGIA DAS ESCOLINHAS DE ARTE.....	Er
ror! Bookmark not defined.18	
3. RELATÓRIO DO CURSO "A HISTÓRIA DO ENSINO DO DESENHO E AS CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE"	21
3.1 PLANEJAMENTO.....	21
3.2 INSCRIÇÕES.....	22
3.3 DESENVOLVIMENTO.....	24
3.4 FINALIZAÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CURSO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	36
ANEXOS.....	38
ANEXO 1-PLANO DE ENSINO.....	38
ANEXO 2- PLANO DE AULA.....	41
ANEXO 3- ROTEIRO DE ESCRITA DO TRABALHO FINAL.....	51

INTRODUÇÃO

O ensino da arte especificamente a do desenho no Brasil, assim como o entendimento desta linguagem na prática escolar, obteve diversas reformulações desde o século XIX.

Neste artigo, abordaremos algumas destas estruturas em que o desenho e seu ensino obtiveram, iniciando com as práticas do século XIX, onde autores como Ana Mae Barbosa (2019) e Juan Carlo da Cruz Silva e Olivia Morais de Medeiros Neta (2019) pontuam eventos sociais e políticos, onde a linguagem do desenho (assim como a própria educação) foi concebida nas práticas escolares como elemento essencial para o processo de Modernização em que o Brasil foi inserido.

Entretanto, esta categoria industrial em que o desenho e seu ensino foram inseridos, no período da Semana de Arte Moderna em 1922 foi desconstruída e, neste contexto, artistas como Anita Malfatti e Mário de Andrade trouxeram ideais e valores, debatidos e fundados nas reformas educacionais que estavam ocorrendo nos Estados Unidos e na Europa, como por exemplo, a valorização da estética dos desenhos infantis, assim como sua criatividade, auto expressão e a liberdade em se expressar.

Iniciou-se neste período o Movimento de Arte-Educação que como foi descrito no resumo deste artigo, pode ser entendido como desdobramento ou até mesmo ser um sinônimo do Movimento Escolinhas de Arte, porém apesar destas possíveis interpretações, este acontecimento foi responsável por reformular o pensamento acerca do ensino da arte e do desenho, não somente para os educadores como também, artistas, psicólogos e demais profissionais.

A tese do Prof. Dr. Ricardo Carneiro Antonio (2008), docente do Departamento de Artes na Universidade Federal do Paraná traz uma abordagem detalhada e objetiva sobre este acontecimento ideológico no âmbito educacional artístico, sobre como foi conduzido e quais foram os efeitos que se provocou na área da educação artística, da mesma maneira em que discorre sobre o surgimento do Movimento Escolinhas de Arte, onde ocorreu de fato a busca de novas propostas e aplicação destas no ensino do desenho, oferecendo espaço para que houvesse experimentações de variadas técnicas assim como a prática dos valores que estavam sendo debatidos no espaço da educação artística na época.

Porém, veremos que no período da Ditadura Civil Militar o ensino da arte assim como o do desenho voltou ao lugar já preestabelecido na época do Brasil Império, mas com um caráter mais tecnicista, racional e novamente voltado a produção industrial. Ana Mae

Barbosa (1989) denuncia e discorre sobre este cenário juntamente com as autoras Dulce Osinski e Amanda Siqueira (2020), sendo que estas abordam sobre as publicações de livros didáticos desvinculados desta prática industrial que, porém, não vingaram para que a propagação do ensino do desenho fosse concebido não mais conectado a este caráter tecnicista.

Contudo, veremos que os valores pedagógicos artísticos que foram trazidos e estavam sendo debatidos para que fossem implantados nas escolas não foi em vão, pois serviu como berço para o surgimento do Movimento Escolinhas de Arte que embora o autoritarismo da Ditadura Civil Militar tenha de certa forma freado as práticas das Escolinhas, não obtiveram sucesso em omitir suas contribuições.

O autor Sidiney Peterson F. de Lima (2012) discorre e pontua os desdobramentos das Escolinhas de Arte e traz abordagens sobre a proposta pedagógica deste movimento. Nesta questão pedagógica, Rosa Iavelberg e Fernando Chui de Menezes (2012) assim como Edith Derdyk (2015), traz importantes abordagens acerca do ensino do desenho e sobre a concepção desta linguagem no estudante e docente. Por mais que estes autores não abordem sobre o Movimento Escolinhas de Arte, suas discussões e abordagens se fazem necessárias para se pensar uma proposta pedagógica vinculada a este movimento, como índice de uma possível mudança e reestruturação do ensino do desenho nas instituições de ensino regular, considerando o fato de que esta linguagem possui mais presença do que as demais nas práticas escolares.

Portanto, este artigo tem como objetivo estudar a trajetória ampla e histórica do ensino da arte, porém enfatizando a linguagem do desenho no Brasil, trazer as contribuições que o movimento citado trouxe para o aprendizado desta linguagem, assim como para a disciplina de arte, e a partir da análise da proposta pedagógica e das metodologias do MEA (Movimento Escolinhas de Arte) propor um curso que venha trazer novas abordagens do ensino do desenho para os educadores de arte.

1 A HISTÓRIA DO ENSINO DO DESENHO NO BRASIL.

1.1 O ENSINO DO DESENHO NO BRASIL IMPÉRIO (1879-1889).

O ensino do Desenho no Brasil tem sua trajetória marcada por diversas reformulações de sua didática, de seu significado como linguagem, de suas metodologias e etc.

Esta trajetória se iniciou com a chegada da Missão Artística Francesa, que foi um grupo composto por artistas e artífices que tinham como objetivo iniciar uma formação acadêmica em Artes no Brasil, estabelecendo o estilo do Neoclássico (Vanguarda que era popular na França nesta época) como principal elemento do currículo acadêmico da primeira escola de Arte brasileira que neste período havia sido nomeada como Escola de Ciências, Artes e Ofícios.

Entretanto, segundo Barbosa (2019) o diretor deste grupo, Joaquim Le Breton (1760-1819) apresentou outros planos para esta escola e estes mostravam que seu interesse era de seguir as orientações do Instituto da França, que nesta época estava voltada a industrialização do País, introduzindo nas academias francesas o chamado Desenho Industrial e este ensino era voltado às classes populares da sociedade francesa. Le Breton neste sentido almejava seguir o modelo de ensino artístico ligado a ofícios mecânicos, com o propósito de unir a educação popular com a da burguesia, onde podemos dizer que o objetivo final disto era de preparar novos trabalhadores para contribuir com o processo de modernização e industrialização no Brasil.

Esta questão da educação popular mencionada acima, podemos dizer que está relacionada ao que foi decretado na construção da Carta Magna onde:

[...] nos primeiros anos de comando do imperador D. Pedro I se instaura uma assembleia constituinte que constrói a Carta Magna de 1824. Nesse documento se estabelece no artigo nº 179, a garantia a Instrução primária e gratuita a todos os cidadãos. (SILVIA E NETA, 2019, p. 107-108).

Porém, dois anos após este decreto a Escola de Arte no Brasil, passou por uma mudança nominal, portanto, anunciou-se como Academia Imperial de Belas Artes. Neste contexto, Ana Mae Barbosa aponta que:

[...] Academia Imperial das Belas-Artes, não só o nome havia sido trocado, mas principalmente sua perspectiva de atuação educacional, tornando-se o lugar de

convergência de uma elite cultural que se formava no país para movimentar a corte, dificultando, assim, o acesso das camadas populares à produção artística. A Academia Imperial das Belas-Artes inaugurou a ambiguidade na qual até hoje se debate a educação brasileira – isto é, o dilema entre educação de elite e educação popular. Na área específica de educação artística, incorporou o dilema já instaurado na Europa entre arte como criação e técnica. (BARBOSA, 2019, p. 30)

Todavia, a criação de escolas passou a ser concebida pela sociedade brasileira com a Lei de 1827 onde prevê, por exemplo, o ensino da leitura, das operações matemáticas, gramática da língua nacional e etc. (BRASIL, 1827). Porém, o ensino primário nesta época não era obrigatório e não era necessário passar por este módulo para entrar no ensino secundário e no superior, mas este cenário educacional mudou quando a Reforma de Couto Ferraz em 1854 se iniciou.

Segundo Juan Carlo da Cruz Silva e Olivia Morais de Medeiros Neta (2019) esta reforma trouxe regras a todas as instituições de ensino e organizou a instrução dos módulos primários e secundários de aprendizagem, tanto particular quanto público e é neste período onde há a primeira menção do ensino do desenho dentro da escola, sendo no ensino primário lecionado como Desenho Linear e no secundário era dado junto com música e dança. Apesar desta “feliz combinação” entre as linguagens artísticas, a relação entre geometria e o desenho se fortaleceu neste período e iria se fortalecer ainda mais no que estava por vir. Iniciou-se o surgimento da era industrial no Brasil e a ideia de modernização da sociedade Brasileira, começou a ganhar força e com isto veio grande incentivo à industrialização e a urbanização.

Neste novo cenário, a educação foi vista como elemento essencial para este processo industrial. No cenário político, os chamados Liberais e Positivistas influenciaram nos debates educacionais e estes davam ênfase à gratuidade ao ensino, pois como já dito, a educação foi vista como componente importante para o desenvolvimento deste processo industrial e da modernização do País e a consolidação desta defesa se deu com o decreto de 1879 (BRASIL, 1879), onde o ensino primário passou a ser obrigatório (7 a 14 anos) e a estrutura educacional passou a ser construída de forma que correspondesse de fato, a nova era que o Brasil estava passando. Importante mencionar que com este decreto houve uma grande expansão do ensino.

A linguagem do desenho, neste período educacional passou a ser lecionada juntamente com a geometria na matéria intitulada como “Elementos do Desenho linear” conforme consta no art. 4º do decreto já mencionado. Podemos supor que, basicamente, nesta matéria os estudantes aprendiam noções como perspectiva, volume, cópia de modelos via exercícios dados pelo docente vinculados a noções matemáticas e/ou geométricas e etc.

Após este decreto, houve a instauração da República no País e o movimento rumo à modernização se consolidou neste contexto. No ano de 1882, surgiram vários debates acerca do ensino do desenho nas escolas; Rui Barbosa em uma Assembleia Legislativa Geral da Corte apresentou o seu Parecer:

[...] no qual aponta para uma mudança de paradigma no ensino de Desenho, abandonando o ensino associado à Geometria e encaminhando-o para um Desenho à Mão Livre ligado ao método intuitivo. (SILVA E NETA, 2019, p. 113).

Apesar da citação acima mencionar que houve essa dissociação entre desenho e geometria, segundo Barbosa (2019) Rui Barbosa defendia o modelo fornecido por Walter Smith cujo ensino, difundido por todo os Estados Unidos (que também estava passando por este período de modernização) unia o conceito de técnica e criação, voltados à aplicação na indústria e isto, pode ter gerado a semente do ensino do design no Brasil e este conteúdo vinculado ao ensino do desenho permaneceu durante muito tempo como a própria autora afirma.

Diante destes cenários iniciais em que a educação brasileira passou por reformulações vinculadas ao desenvolvimento econômico, político, ao processo de industrialização e modernização, podemos com clareza afirmar que a área educacional foi vista e concebida neste primeiro momento, como o componente crucial para contribuir com estes processos e, sobretudo, a linguagem do desenho como o elemento que alavancou dentro das escolas o desenrolar desta atuação da educação como preparo a indústria.

1.2 O ENSINO DO DESENHO NO BRASIL: SEMANA DE ARTE MODERNA E AS MUDANÇAS NO ENSINO DA ARTE (1922-1970).

Embora no subcapítulo anterior o período abordado em que o ensino da arte, especificamente o do desenho, tenha sido aplicado a Indústria, o que de certa forma padronizou o conhecimento, entendimento e a metodologia sobre esta linguagem de forma tecnicista, racional e voltada a um tipo de produção, ou seja, a ofícios com fins econômicos e sociais, ligados à modernização em que o País estava vivenciando, na década de 1920 este pensamento acerca do ensino da arte e, também do desenho começaram a mudar, pois neste período deu-se início ao processo que revolucionou o pensamento dos educadores de arte brasileiros: O Movimento de Arte-Educação.

Segundo Ligia Maria Bueno Pereira Bacarin e Amélia Kimiko Noma (2005, p. 1); “[...] o movimento de Arte-educação surgiu na Semana de Arte Moderna, de 1922 com a influência de Dewey”; não somente Dewey contribuiu com seus princípios acerca do ensino da arte, como também outros teóricos e dentre estes podemos citar: Victor Lowenfeld, Herbert Read e o educador tcheco Franz Cizek. As autoras mencionam que a influencia destes teóricos acerca da arte e de seu ensino, se deu através de uma grande reforma educacional que a Europa e os Estados Unidos estavam vivenciando, e é neste contexto que as intervenções trazidas por estas modificações no âmbito educacional artístico, começaram a reformular o pensamento dos educadores do Brasil sobre a disciplina de Arte, e passaram a adaptar as ideologias absorvidas para que atendessem as condições reais do País.

Entretanto, como já foi mencionado no início deste artigo a nomeação deste Movimento de Arte- Educação pode ser entendido e compreendido, como desdobramento ou até mesmo um sinônimo do Movimento Escolinhas de Arte, o qual será descrito no decorrer deste manuscrito. Da mesma forma, podemos considerar que esta nomenclatura trazida pelas autoras é de autoria própria, visto que tal não possui um consenso entre demais pesquisadores da área, assim como se pode ponderar que as Escolinhas de Arte surgiram a partir das ideias modernistas trazidas pela Semana de Arte Moderna de 1922, visto que seu ano de surgimento se deu em 1948. Contudo, apesar destas interpretações não devemos desconsiderar que de fato, ocorreu um movimento que proporcionou mudanças ideológicas e pedagógicas no âmbito educacional artístico.

De acordo com Cousinet ¹ (1976 apud ANTONIO, 2008) menciona que o educador tcheco, Franz Cizek, orientava seu trabalho na expressão como fonte de produção para a liberação e desenvolvimento da criança, e seu pensamento, trouxe o despertar do interesse tanto de educadores quanto de psicólogos sobre as produções artísticas infantis.

O desenho, sobretudo o infantil, passou a ser observado com outro olhar, não mais como papéis contendo rabiscos avulsos e sem sentido, mas sim, produções que mostravam valores que foram levados em plena consideração pelos educadores de arte brasileiros como, por exemplo: a auto expressão, criatividade e a liberdade de expressão. É portanto, neste período, que outras abordagens acerca do ensino do desenho foram colocadas e propostas, abandonando o caráter tecnicista e de cunho industrial estabelecido no Brasil Império.

De acordo com Ricardo Carneiro Antonio (2008) Anita Malfatti e Mário de Andrade, foram os responsáveis por abrirem o caminho para que este reconhecimento sob os desenhos infantis e seus valores estéticos embasados principalmente pelo pensamento do educador tcheco já citado, fossem consolidados como o início de uma nova proposta educacional na disciplina de arte durante a Semana de Arte Moderna no Brasil. A artista Anita Malfatti lecionava um curso de arte para crianças em São Paulo no ano de 1930 e seu ensino era totalmente baseado na livre expressão, já Mario de Andrade no período em que foi diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, isto em 1935 a 1938, criou os chamados Parques Infantis onde as crianças poderiam desenhar, modelar, experimentar materiais e técnicas livremente sem a interferência de algum docente ou instrutor, e isto, era algo que ambos defendiam: A não interrupção do professor.

Acredita-se que estes valores trazidos e adaptados pela já mencionada reforma educacional dos Norte-americanos e Europeus foram corporificadas e materializadas pelo movimento da Escola Nova, que conforme mencionado por Ligia Maria Bueno Pereira Bacarin e Amélia Kimiko Noma (2005) exerceu grande influencia sobre as obras que começaram a serem produzidas e estas enfatizavam a educação sobre aspectos psicológicos e sociais.

Já os teóricos Herbert Read e Victor Lowenfeld exerceram grandes influencias na década de 1940, conforme menciona Ricardo Carneiro Antonio (2008), pois estes ressaltavam a importância existente no estímulo a criatividade através da arte e acreditavam que por dentro desta, há a construção integral da criança como um individuo que será capaz de

¹ COUSINET, Roger. **A educação nova**. Lisboa: Moraes Editores, 1976.

contribuir para com a sociedade. Ambos atacavam o ensino tradicional artístico, pois viam que os valores estéticos trazidos pelas crianças através de seus desenhos, não eram estimulados e nem havia espaço para que fossem reconhecidos com a devida importância que os teóricos já mencionados davam as produções infantis.

Neste cenário de mudanças no âmbito educacional artístico no Brasil, surgiram as Escolinhas de Arte em 1948, onde trouxeram e buscaram aplicar com as crianças os valores encaminhados por tais mudanças ideológicas e pedagógicas, como a liberação da expressão e criatividade, e houve a criação de um espaço propício para a experimentação de variadas técnicas e etc.

Ana Mae Barbosa (2019) menciona que em 1958 uma lei federal permitiu e decretou a criação de classes experimentais e, nisto, as práticas desenvolvidas pelas escolinhas de arte foram introduzidas nas escolas públicas. Porém, a autora aponta que:

As experiências escolares surgidas na época visavam sobretudo investigar alternativas, experimentando variáveis para os currículos e os programas determinados como norma geral pelo Ministério de Educação. A presença da arte nos currículos experimentais foi a tônica geral. (BARBOSA, 2019, p. 41).

É interessante pontuar que nestas classes experimentais, apesar do principal motivo ser de cunho curricular, o ensino que predominou nestas foram à exploração de diversas técnicas e os docentes respeitavam as etapas dos grafismos de cada aluno.

Entretanto, após a década de 1960:

[...] acentuou-se no interior da EAB a tendência tecnicista alicerçada no princípio da otimização, baseada na racionalidade, eficiência e produtividade. Com sua organização racional e mecânica, visava corresponder aos interesses da sociedade industrial. A semelhança com o processo industrial não ocorreu por acaso, pois tal proposição atingiu seu apogeu nos anos 1970, período de forte presença do autoritarismo do Estado e do regime militar. (BACARIN E NOMA, 2005, p. 3 e 4).

Barbosa (2019) aponta que nesta época houve publicações de livros didáticos sobre artes plásticas nas escolas, contudo, estes manuscritos eram somente descrições de técnicas, o que afirma esta tendência tecnicista e racional nas escolinhas de arte conforme é mostrada na citação acima, pois estes livros foram distribuídos pelas próprias escolinhas. Com o forte percentual de autoritarismo estabelecido no país principalmente na década de 1970, houve perseguição e fechamento de escolas experimentais, o que impediu a frutificação das abordagens aplicadas pelas escolinhas e dos ideais trazidos pelo Movimento de Arte-educação

no Brasil retomando mesmo que com “cara nova” os conteúdos do ensino da arte e do desenho construídos e estabelecidos no Brasil Império, conforme serão abordados no subcapítulo a seguir.

1.3 O ENSINO DO DESENHO NA DITADURA CIVIL-MILITAR (1970- 1996).

A instauração da Ditadura Civil Militar (1964-1984) impediu a proliferação dos valores pedagógicos que foram levantados no Movimento de Arte-educação, devido ao forte autoritarismo instalado no país principalmente na década de 1970, trazendo a disciplina de artes e o ensino do desenho a um lugar no currículo escolar semelhante ao que lhe foi preparado no período que o Brasil ainda era Império. No ano de 1971, foi decretada com a Lei 5.692/71 a “obrigatoriedade” da disciplina de artes denominada na época como Educação Artística tanto para o 1º grau quanto para o 2º grau (BRASIL 1971).

Conforme pontua Dulce Osinski e Amanda Siqueira (2020) a disciplina de Educação Artística foi desenvolvida juntamente com a Música, Artes Cênicas, Artes Plásticas e Desenho. As autoras, afirmam que o ensino do desenho se dividiu em: desenho geométrico e decorativo, sendo que o primeiro ganhou obrigatoriedade na disciplina de Matemática e o segundo esteve presente nesta, mas também obteve certo espaço na disciplina de Educação Artística.

Nesta década, conforme foi exposto no subcapítulo anterior, houve grande produção de livros didáticos, o que poderia ser visto como benefício para a propagação de uma proposta pedagógica do ensino da arte e especificamente o do desenho, de forma não semelhante e dissociada da que foi estabelecida no Brasil Império e que trouxesse de maneira firme e bem posicionada, os valores levantados pelo Movimento de Arte-educação. Porém:

[...] a despeito das mudanças nos modos de apresentação, como discutiremos em seguida, as relações entre arte e o estudo das formas geométricas permanecem marcantes nesses novos impressos, embora com objetivos diversos. (OSINSKI E CUNHA, 2020, p. 14).

Mas, as mesmas autoras afirmam que:

Diante disso, é possível perceber, naquele momento, a manutenção do desenho no contexto escolar, seja como elemento em si mesmo, seja como propedêutico da produção mais ampla em arte, considerando-se sua aplicação na esfera da pintura, da escultura, da gravura ou da colagem, entre as demais linguagens manifestas na arte. Nesse caso, entretanto, o desenho seria tomado para a construção de imagens destinadas não apenas exclusivamente às artes plásticas, mas igualmente ao universo do design gráfico. (OSINSKI E CUNHA, 2020, p. 16).

Podemos diante destas citações, observar que nos livros didáticos desta época prevalecia a ligação entre a arte e a geometria, mas com propostas diversificadas onde os estudantes poderiam estudar arte de uma maneira mais geral, com outras sugestões de atividade, incluindo por exemplo, outra postura em relação ao desenho, vinculando-o ao fazer artístico de outros artistas, pois conforme pontua Dulce Osinski e Amanda Siqueira (2020) nos novos livros de Educação Artística que começaram a serem escritos e publicados, houve a inserção de fotografias, desenhos e reproduções de obras de arte onde foi visto como uma grande vantagem para a disciplina de arte na época, a fim de que fosse possível quebrar esta associação entre o desenho e geometria, o desenhar aplicado a métodos industriais e a técnicas com o objetivo final de tornar a linguagem do desenho como algo totalmente racional, produtivo, profissionalizante e etc.

Entretanto, Barbosa (1989) pontua que em 1983 o país estava finalmente sendo liberto deste período da ditadura Militar e com isto, houve novamente o despertar e o resgate do interesse sobre a auto expressão, criatividade e liberdade de expressão, o que pode ter influenciado de certa forma, a produção destes novos livros didáticos sobre a Educação Artística conforme foi mencionado anteriormente.

Contudo, segundo uma pesquisa realizada por Heloisa Ferraz e Idméia Siqueira² (1987 apud BARBOSA, 1989) nos anos de 1983 a 1985, foi observado que 82,8% dos docentes (participaram 150 professores nesta pesquisa) usavam como fonte didática os livros, porém estes manuscritos abordavam sobre o desenho geométrico, e este fato, se contradiz ao resgate dos valores previamente citados por estes profissionais que buscavam em seus objetivos pedagógicos, inserir tais dentro das salas de aula.

Após o término deste período autoritário que o Brasil vivenciou, a partir da década de 1990, felizmente:

[...] o movimento brasileiro da Arte-Educação esteve preocupado com a educação escolar, organizando-se para efetivar a presença da arte na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A obrigatoriedade da introdução da arte na escola regular, com a LDB de 1996, representou avanços conquistados após longo processo de debates, conscientização, organização e mobilização por parte dos profissionais da Arte-Educação. (BACARIN E NOMA, 2005, p. 7 e 8)

A Lei de Diretrizes e Bases mencionada na citação acima foi o “divisor de águas” tanto para os educadores da área de Artes quanto para aqueles que defendiam a educação

² FERRAZ, M. H. T. e SIQUEIRA, P. I. 1987. **Arte-Educação: vivência, experimentação ou livro didático?** São Paulo, Edições Loyola.

artística, enfatizando o valor que o ensino da arte, assim como o do desenho possui nas instituições de ensino, principalmente nas escolas de ensino regulares sendo estas públicas ou privadas, resgatando os valores trazidos pelas reformas educacionais dos Estados Unidos e da Europa pautados na Semana da Arte Moderna de 1922, de modo concreto, a fim de abrir um espaço nas salas de aula onde os docentes da disciplina de Arte pudessem juntamente com seus estudantes, agora não mais comprometidos com o autoritarismo e industrialização que, de fato, assombrou esta disciplina por longo período, mas sim, com a postura e diálogo aberto em propiciar aos seus alunos, um ensino do desenho que possui o intuito de colocá-los na posição de sujeitos críticos, pensantes e reflexivos acerca de sua própria obra, de seus próprios desenhos.

Portanto, no próximo capítulo iremos abordar sobre o Movimento Escolinhas de Arte, trazendo sua história, práticas, ideologias, metodologias e etc., que certamente contribuíram (mesmo que indiretamente) o fazer e o pensar a linguagem do desenho nas escolas do Brasil.

2 MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE NO BRASIL.

2.1 A HISTÓRIA DO MOVIMENTO.

Conforme foi descrito no capítulo anterior, o movimento mencionado anteriormente que se deu no âmbito educacional artístico, onde se buscou por mudanças pedagógicas na área do ensino da arte, proporcionou o surgimento das Escolinhas de Arte no Brasil. Este novo movimento, apoiado nos ideais e valores já implantados, ou seja, a ênfase a criatividade, a auto expressão e a liberdade em se expressar, se opôs ao ensino tradicional das instituições escolares, pois argumentavam que não havia espaço para que os valores citados pudessem ser aplicados e estimulados nos alunos.

De acordo com Ligia Maria Bueno Pereira Bacarin e Amélia Kimiko Noma (2005), o movimento das Escolinhas de Arte foi impulsionado pelos ideais de Herbert Read, que na década de 1940 participou de uma exposição de desenhos infantis no Rio de Janeiro, onde teve a oportunidade de expor seus pensamentos sobre a linguagem do desenho manifestada pela criança. A contribuição dos ideais de Read através desta exposição foi de fato importante, pois auxiliou na reformulação do pensamento acerca do ensino da arte que já estava ocorrendo no Brasil.

Herbert Read, segundo Ricardo Carneiro Antonio (2008) argumentava que o ensino de arte nas escolas daquela época bloqueava o desenvolvimento da criança em si; não concordava com o ensino do desenho que era lecionado nas escolas, e neste sentido, chamava a atenção para o descobrimento de novas metodologias por parte do docente que pudessem, de fato, estimular o potencial criativo que a criança possui, assim como contribuir para com o seu desenvolvimento pessoal.

Neste contexto, os ideais apontados por Read influenciou o artista pernambucano Augusto Rodrigues a fundar a Escolinha de Arte no Brasil em 1948, com o auxílio de outros artistas e demais profissionais que estavam interessados na reestruturação da educação em geral, especificamente a da educação artística que, conforme já mencionado, estava passando por mudanças em sua proposta pedagógica nas instituições de ensino.

As Escolinhas de Arte, em suma, foi uma:

[...] iniciativa que oferecia às crianças um ambiente no qual pudessem se manifestar através de diversas técnicas artísticas acompanhadas por monitores que, assim como desejava Mário de Andrade estabeleceriam uma nova atitude para o professor de arte. (ANTONIO, 2008, p. 48-49).

Segundo Sidiney Peterson F. de Lima (2012) os envolvidos na fundação desta instituição, não tinham como objetivo criar uma escola de arte, mas sim, proporcionar uma experiência simples provinda da efervescência dos educadores de arte que declaravam a importância do papel do ensino da arte na educação em geral. O autor também menciona que as crianças se encontravam três vezes durante a semana nos fundos da Biblioteca Castro Alves (Rio de Janeiro), onde foi o primeiro lugar que de fato a Escolinha começou a funcionar.

Podemos observar que, além do surgimento de uma escolinha de arte, mesmo não tendo este objetivo no princípio, houve o aparecimento de uma escola que não era percebida pelas crianças de maneira semelhante a uma instituição de ensino regular, mas sim, era vista como um espaço afetivo, onde se sentiam valorizadas e tinham liberdade em se expressar e experimentar. De acordo com Augusto Rodrigues ³ (1980, p. 32, apud LIMA, 2012, p. 457), foi a partir desta afetividade das crianças que surgiu o nome “Escolinha de Arte”.

Além desta contribuição para com a prática de um ensino artístico que visava e enfatizava a criança como ser criativo, pensante e expressivo, as Escolinhas de Arte também contribuiu com a formação de docentes, pois até então não havia esta modalidade de cursos nas instituições formais.

De acordo com Sidiney Peterson F. de Lima (2012), as Escolinhas de Arte criaram o CIAE (Curso Intensivo de Arte na Educação) coordenado por D. Noemia Varela desde 1961 e prosseguiu funcionando até 1981, mesmo com a criação do Curso de Educação Artística pela Lei Federal 5.692/71. Nos anos seguintes, as Escolinhas começaram a se expandir, principalmente após o estabelecimento dos objetivos e de seu próprio ideal que era o de suprir a necessidade que se instaurou no ensino da arte no Brasil o qual, podemos supor que teve sucesso, pois como foi mencionado no capítulo anterior, as práticas artísticas das escolinhas foram postas nas escolas de ensino regular pública perante a criação das classes experimentais em 1958.

A expansão das Escolinhas de Arte se deu em várias regiões brasileiras, mas também fora do país como, por exemplo: foram criados sedes das Escolinhas no Paraguai, Buenos Aires, Portugal e etc. No subcapítulo a seguir, abordaremos sobre a proposta pedagógica deste movimento que foi a amplificação da Arte-Educação nas escolas de ensino regular no Brasil.

³ RODRIGUES, Augusto (org.). **Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília: Inep, 1980.

2.2 A PROPOSTA PEDAGÓGICA E A METODOLOGIA DAS ESCOLINHAS DE ARTE.

A proposta pedagógica em que o ensino das Escolinhas de Arte se instituiu, baseava-se na concepção de um ensino da arte, onde a valorização da criatividade e da auto expressão eram os pilares da educação artística que buscavam promover para as crianças que frequentavam e participavam das atividades ministradas nas Escolinhas.

Conforme menciona Sidiney Peterson F. de Lima (2012), as atividades que eram feitas nas Escolinhas, os artistas juntamente com os docentes não interviam nas produções das crianças, pelo contrário, se misturavam com elas. Assumiam que em tais atividades que realizavam, estas eram consideradas como um refúgio, onde as crianças poderiam liberar suas energias, descarregar suas emoções, e assim, expressar seus sentimentos, portanto, procuravam valorizar a criança em sua totalidade desde sua fala até em suas ações.

Importante mencionar que as necessidades materiais eram supridas pelos artistas, pois queriam que todos pudessem vivenciar, participar e compartilhar experiências.

Outro fator necessário a ser mencionado, é a construção do espaço em que a equipe das Escolinhas proporcionava: ofereciam um lugar propício a experimentação de variadas técnicas e da vivência viva no ato de desenhar, do pintar, do modelar e etc.

Em relação à importância dada à construção de um espaço, onde esse contato com o ensino da arte de maneira vivencial e sensível poderia ser possível, podemos citar o pensamento de Read que, de acordo com Ricardo Carneiro Antonio (2008), acreditava que a criatividade da criança seria desenvolvida de forma plena se houvesse a modificação do espaço físico, introduzindo novas funções e ferramentas.

Além destes fatores que norteavam as atividades que eram feitas nas Escolinhas, acreditavam que estas:

[...] deveriam ser realizadas de forma que liberasse a criança através do desenho, da pintura, e cada vez mais interessado em perceber a criança no seu aspecto global, a criança e a relação professor (a)/aluno(a), a observação do comportamento delas, o estímulo e os meios para que elas pudessem, através das atividades, terem um comportamento mais criativo, mais harmonioso. (LIMA, 2012, p. 457-458).

Se partirmos do pressuposto de que, a equipe que compunha as Escolinhas se estabeleceu e criou um ambiente diferente do que as crianças estavam acostumadas e davam propostas de atividades desvinculadas das que eram aplicadas nas escolas tradicionais, podemos supor que a maneira como conduziam tais envolvia não somente a abertura de criar

e se expressar, mas também de interagir e compartilhar experiências entre si, com o objetivo de aprenderem de forma síncrona e equânime.

Segundo Rosa Iavelberg e Fernando Chui de Menezes (2012) a aprendizagem compartilhada pode oferecer entre os alunos a troca de repertórios visuais revelando formas de desenhar coisas que podem ou não ser observadas, e nesta interação, há também o compartilhamento de soluções e novos modos de desenhar determinado objeto, paisagem, animal, etc., e, portanto, neste caso, o docente possui a responsabilidade de oferecer o ensino que proporcione a expansão do repertório de cada aluno, e isto só pode ocorrer quando há uma rotatividade na sala, ou seja, mudança de duplas ou grupos e da mesma maneira, se dá através da interação seja espontânea ou induzida pelo professor.

As Escolinhas de Arte através deste ensino que proporcionavam para as crianças, não tinham o objetivo de fazer com que estas fossem e se sentissem como artistas ou que executassem as técnicas, de maneira com que eram aplicadas e lecionadas nas escolas tradicionais, mas sim, queriam que experimentassem e que criassem conforme a sua maneira e como bem queriam, respeitando seus momentos, suas fases, seus desejos, seus gostos e seus valores estéticos. Estavam mais interessados no processo em que a criança se colocava durante a feitura das atividades do que em seu resultado final.

Em relação à técnica propriamente dita, podemos supor e considerar que nas Escolinhas de Arte afirmavam que “[...] a técnica é intrínseca à ação artística, mas como instrumento das intenções de quem cria” (IAVELBERG e MENEZES, 2012, p. 665). Este pensamento nos ressalta a valorização que as Escolinhas tinham para com a criança em sua totalidade, não a transformando em artista ou produtora de obras primas, mas sim assumindo que possuem um potencial criativo que precisa ser estimulado e desenvolvido.

Se nestas Escolinhas era oferecido uma vivência sensível e viva do ensino da arte, podemos considerar que neste espaço de experimentação e interação, a linguagem do desenho foi concebida de forma coerente com sua natureza de maneira desvinculada do tecnicismo e do profissional estabelecido nas instituições de ensino daquela época.

De acordo com Edith Derdyk (2015) a linguagem do desenho possui uma natureza própria e sua forma de comunicar algo é particular seja por qualquer suporte ou material utilizado. A autora, afirma também que o desenho consiste no ato perceptivo que convida a quem o pratica ou a quem o vê a sugerir e a evocar algo.

Sendo assim, podemos afirmar que a prática do desenho nas Escolinhas despertava nas crianças, e também nos docentes, a percepção que a linguagem do desenho possui e nos convida a ter, guiando-nos ao lugar de observação e análise de si mesmo e do outro, buscando

entender o que quer comunicar e o que esta sendo comunicado, pois não se preocupavam com a feitura de “[...] exercícios com fins utilitários e pedagógicos bem definidos e determinados” (DERDYK, 2015, p. 110).

A respeito das metodologias as quais fizeram com que a proposta pedagógica das Escolinhas fosse praticada plenamente, a autora Fabiola Cirimbelli Búrigo Costa (2013) pontua que nas aulas ministradas pela equipe, procuravam anotar análises e observações destas, para futuros estudos e debates com o objetivo de aprender e ao mesmo tempo entender o que, de fato, a arte representava para as crianças.

Além desta ferramenta dada pelas observações que eram feitas, outro instrumento que norteava as ações das Escolinhas era o planejamento e neste, segundo a autora Marge Faria do Amaral Peixoto (2016) apresentava a preocupação da equipe pedagógica em deixar com que os alunos manifestassem sua livre expressão, o que na fala de Augusto Rodrigues se mostra evidente:

Deveríamos ter um comportamento aberto, livre com a criança; uma relação em que a comunicação existisse através do fazer e não do que pudéssemos dar como tarefa ou como ensinamento, mas através do fazer e do reconhecimento da importância do que era feito pela criança e da observação do que ela produzia. De estimulá-la a trabalhar sobre ela mesma, sobre o resultado último, desvaindo-a, portanto, da competição e desmontando a ideia de que ali estavam para ser artistas. (MEC⁴, 1980, p. 34 APUD PEIXOTO, 2016, p. 3).

Portanto, podemos afirmar que tanto a proposta pedagógica quanto a metodologia que as Escolinhas de Arte defendiam e praticavam, não tinha compromisso ou ligação com a que se estabeleceu nas escolas tradicionais da época, mas que se comprometeu em, de fato, proporcionar um ensino da arte e do desenho que valorizasse o aluno e o docente como seres que criam que se expressam e que possuem algo a comunicar e a expressar, além de enfatizar a importância que há na relação entre o docente e o aluno.

⁴ MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – **Augusto Rodrigues (Coord.) Escolinha de Arte do Brasil**. Brasília, 1980.

3. RELATÓRIO DO CURSO “A HISTÓRIA DO ENSINO DO DESENHO E AS CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE”.

3.1 PLANEJAMENTO.

O presente curso foi planejado a fim de atender ao terceiro objetivo do projeto que deu origem a esta pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso, que consistiu em trazer através da análise tanto da proposta pedagógica quanto das metodologias utilizadas pelas Escolinhas de Arte, um curso que trouxesse novas abordagens do ensino do Desenho para a sala de aula.

Neste sentido, buscou-se ofertar para o público alvo de docentes graduados em Arte, assim como em Pedagogia ou alunos de ambas as graduações, aulas que trouxessem um parâmetro histórico desta disciplina aqui no Brasil, mas que proporcionasse aos participantes um espaço para debates e relatos pessoais sobre a linguagem do Desenho.

Para que estes objetivos citados anteriormente fossem atendidos, o curso foi dividido da seguinte forma: Quatro aulas tendo cada uma 2h de duração e o conteúdo destas correspondiam aos períodos históricos apresentados no artigo da pesquisa, ou seja, Brasil Império, Semana da Arte Moderna, Ditadura Civil Militar e o conteúdo da última aula foi direcionado em apresentar o contexto histórico e a proposta pedagógica do Movimento Escolinhas de Arte. O curso foi realizado via online pela plataforma do *Jitsi Meet*, porém conforme consta no Plano de Ensino (**ANEXO 1**), o *Google Meet* também foi considerado como suporte para que fossem as aulas ministradas.

O curso deveria ter a carga horária total de até 15h e a complementação das horas que faltava se deu com a produção de quatro fichamentos que, além de complementar a carga horária, serviu como meio para o registro de presença, nota e auxílio para a execução do trabalho final, que consistia em cada discente elaborar uma proposta pedagógica do ensino do Desenho para a sala de aula. Tais atividades tinham como carga horária 2h, totalizando assim 18h de carga horária total.

Pensando no dia a dia dos discentes que iriam se matricular no curso, as aulas ocorreram aos sábados das 10h até 12h de forma remota como já foi descrito anteriormente. Cogitou-se a possibilidade de realizar este curso presencialmente, mas devido à falta de tempo hábil e deslocação tanto por parte da graduanda responsável pelo curso quanto do próprio

publico alvo, a opção do curso ser ministrado de forma online, foi a mais cabível nesta situação.

Em relação aos planos de aula (**ANEXO 2**), buscou-se nas três primeiras aulas construir uma linha do tempo a fim de trazer de forma resumida, uma abordagem histórica de cada período fundamentada no artigo da pesquisa, assim como nos teóricos que serviram como base para a construção dissertativa e argumentativa do manuscrito. A última aula foi dividida em duas partes: A exposição do contexto histórico das Escolinhas de Arte e da Proposta Pedagógica; em todas as aulas, procurou-se além de trazer os conteúdos de forma clara e sucinta, pontuar objetivos que pudessem de fato ser atendidos e que serviram como norte para a condução das aulas.

3.2 INSCRIÇÕES.

No primeiro momento, este curso foi projetado somente para professores formados em Arte, mas no decorrer da construção e elaboração deste, decidiu-se abrir este curso para alunos da licenciatura em Arte e da Pedagogia também, fazendo jus ao que foi escrito na pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso, na parte onde foi descrito sobre o Movimento de Arte-Educação que contou com a participação dos que estavam envolvidos na área artística, mas também na área pedagógica.

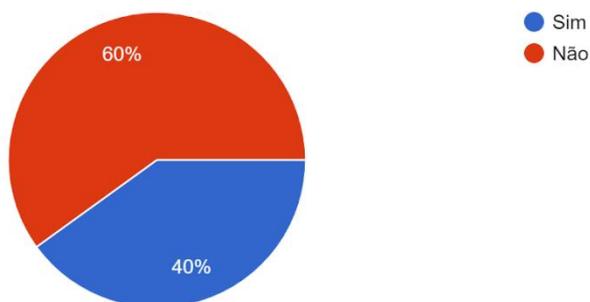
Para que o publico alvo pudesse se inscrever, foi produzido um formulário pela plataforma do *Google Forms*, contendo espaço para o fornecimento de dados pessoais como o nome, e-mail e também cinco perguntas para que fosse possível conhecer um pouco melhor os participantes do curso, assim como compreender suas experiências com a sala de aula e o ensino da Arte. As perguntas que compuseram esse formulário foram:

1. É estudante do curso de Licenciatura em Artes?
2. É estudante de licenciatura, mas já atua ou atuou como docente?
3. É formado (a) e já atua como docente de Artes na escola?
4. Há quanto tempo leciona Artes na Escola? (PERGUNTA SOMENTE PARA QUEM ESTA ATUANDO COMO DOCENTE).
5. Para você, a linguagem do Desenho é importante para o aprendizado do estudante na Escola? Por quê?

Os resultados adquiridos foram:

É estudante do curso de Licenciatura em Artes?

5 respostas



(Imagem referente à questão 1).

É estudante de licenciatura em Artes mas já atua ou atuou como docente?

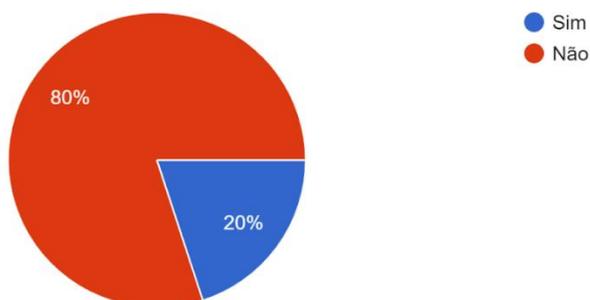
5 respostas



(Imagem referente à questão 2).

É formado (a) e já atua como docente de Artes na Escola?

5 respostas



(Imagem referente à questão 3).

Os resultados das questões 4 e 5, por serem dissertativas não há gráfico. Portanto, as respostas recebidas foram:

Questão 4- 1 Resposta:

- “Há cinco anos”.

Questão 5- 5 respostas.

- “Sim. Ajuda na coordenação motora e a criar um olhar sensível para as situações e desenvolve várias técnicas.”
- “Sim, já que é uma linguagem.”
- “Sim, porque há diversas formas de nos expressarmos e o desenho desempenha uma delas, principalmente nos anos de ensino fundamental, acredito eu, pois é uma linguagem que deve ser levada em conta e mais estudada pelos docentes para que a tragam de forma mais eficiente e seja utilizável tanto pelos professores quanto alunos.”
- “Sim, pois considero que o desenho é a manifestação gráfica de um pensamento sobre qualquer assunto.”
- “Sim, para reconhecermos as formas do mundo e desenvolvermos nossa imaginação visual.”

As inscrições foram realizadas no período do dia 23/02/2022 até 10/03/2022. Somente cinco pessoas se inscreveram, atingindo o número mínimo de discentes estabelecido pela responsável deste curso e dentre os inscritos todas são mulheres, sendo: duas da pedagogia, uma já formada e a outra não; duas da licenciatura em Artes Visuais e uma formada e atuando como docente em Artes.

3.3 DESENVOLVIMENTO.

Como foi descrito no Plano de Ensino (**ANEXO 1**), este curso foi realizado de forma remota e a metodologia utilizada para a exposição dos conteúdos, foi a criação de slides pela plataforma do *Google Apresentações*. Para a produção dos slides, optou-se pelo uso de algumas imagens que tivessem vínculo com o conteúdo exposto, assim como frases/palavras-chaves que nortearam a fala da professora regente, visto que tal foi organizada com antecedência de cada aula, através de roteiros produzidos pela criadora do curso.



(Imagem 1: Capa da primeira aula).

O desenho no Brasil Império:

- Missão Artística Francesa: artistas e artífices.
- Objetivo: Dar início à uma formação acadêmica em Artes no Brasil, baseado no Neoclássico.
- Escola de Ciências, Artes e ofícios.

ESCOLA REAL DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS.
 FONTE:
<https://artout.com.br/escola-real-de-ciencias-artes-e-oficios/>



(Imagem 2: slide da primeira aula).

Para que ocorresse a parte em que a alunas relatassem sobre suas experiências pessoais, foi optada a criação de um slide contendo uma pergunta específica para cada aula:

Como foi sua experiência com o Desenho na Escola?

(Imagem 3: Pergunta específica da primeira aula).

Estes momentos reservados para os relatos das participantes se obteve bons resultados. A seguir, será descrito os relatos das participantes e para não expor os nomes de tais, será indicada a letra inicial de cada participante. Tais se referem à primeira aula:

“O ensino do desenho na minha época de escola, era copiar obras ou dependendo do professor havia a exploração de técnicas e materiais”- S.

“No ensino fundamental, o desenho era basicamente geométrico ou era dado de maneira Deus dará. Já no ensino médio, era mais técnico, mas não me deu a base que precisava, portanto, precisei procurar um curso para me especializar e aprender mais sobre o desenho.”- M.

“Não me lembro com clareza sobre o ensino do desenho no ensino médio, mas no ensino fundamental era mais exploração de materiais e técnicas e tinha bastante atividade neste sentido”- L.

“Desde criança tinha artes e história da Arte. Desenhava bastante em ambas as disciplinas e havia troca de desenhos entre os colegas. Me lembro que fazia exercícios, mas antes de desenhar, sempre davam uma base teórica para depois partir para a prática; todo final de bimestre, o professor construía conosco uma linha do tempo com os conteúdos que aprendemos e fazíamos desenhos para que no final do ano, houvesse uma exposição com tais. Havia a presença de outras linguagens artísticas, mas a do Desenho prevalecia devido as condições da escola”.- R.

Porém, mesmo utilizando o recurso da pergunta específica, ao final da aula houve relatos os quais foram anotados e considerados importantes para serem descritos neste relatório:

“Me encontro em um impasse quando planejo atividades práticas, porque minha turma é do Ensino Médio/Técnico, então penso de que maneira posso planejar a aplicação do desenho de maneira técnica, mas que envolvesse a expressão também; talvez dividir as aulas...”- M.

Como resposta ao relato descrito acima, foi considerado que a melhor maneira de se oferecer o ensino do desenho para a turma mencionada é na própria prática de tal linguagem e

a do diálogo, a fim de alcançar um planejamento que leve os alunos a este lugar onde podem praticar a técnica, assim como expressar sua criatividade.

Ainda no final desta primeira aula, houve outro relato:

“Mesmo sendo da pedagogia, reconheço que devemos pensar com sensibilidade a prática do desenho”- L.

Após esta primeira aula, foi criado um grupo no *Whatsapp* para o envio de recados acerca das aulas e o e-mail foi utilizado para o envio dos links das aulas, materiais, textos para fichamentos e etc.

Já na segunda aula, ocorreu a segunda desistência de uma das alunas do curso; a respeito da primeira, foi enviado cerca de dois e-mails e nenhum obteve retorno. Portanto, de cinco participantes o curso continuou com três alunas. Esta se desenvolveu da mesma maneira que a primeira, com a mesma estrutura de slides, contendo uma pergunta específica e imagens relacionadas ao conteúdo exposto. Os relatos coletados correspondentes à pergunta “O que é o desenho?” foram:

“É uma forma de representação daquilo que queremos expressar. O desenho é uma forma de comunicar aquilo que está dentro de nós e assim tornar visível”. - L.

“O desenho foi meu primeiro contato com a arte. Sempre considerei uma linguagem, uma forma de expressão; vejo o desenho como a materialização de um pensamento”- M.

“O desenho pode ser uma representação de algo (ou não), através de manchas, linhas, hachuras e etc.”- R.

Neste momento do relato, passamos a conversar sobre a prática do desenho e utilizamos o exemplo da criança, que por não ter sua coordenação motora 100% desenvolvida, acaba riscando tudo e qualquer suporte e alega que tais rabiscos representam algo. Nisto, a criança vê esta prática como um passatempo muito significativo para si.

Portanto, não é em vão quando vemos que as crianças desenham mais que os jovens e/ou adultos, visto que muitas vezes estes têm um pensamento equivocado sobre o que é o desenho, vendo-o como algo passageiro, um passatempo ou como uma prática engessada.

Neste sentido, o papel do professor e responsáveis é primordial nesta fase da infância, para que a prática do desenho não seja interrompida como é em muitos casos, por frustração, desinteresse ou outros tantos motivos que podem acarretar no abandono da prática do desenhar. A aluna R no final de seu relato lembrou que seus colegas de escola ao final das aulas de arte, frustrados com suas criações, as amassavam e jogavam fora.

A penúltima aula se desenvolveu da mesma maneira que a primeira e a segunda. Porém, houve mais uma desistência, sendo assim, o curso continuou com somente duas alunas.

Os slides criados para essa aula foram produzidos com mais texto para auxiliar ainda mais as alunas após a aula, como material de apoio (todos os slides serviram desta maneira). Já os relatos acerca da pergunta chave desta aula: “Qual foi sua experiência mais marcante com o desenho?” foram:

“Me lembro que quando era criança, tinha um caderno que gostava de desenhar vestidos e bichos. Costumava desenhar em praças com caneta de glitter. Agora, na faculdade, um exercício de desenho cronometrado me marcou e observei que conforme o tempo foi mudando, seja diminuindo ou aumentando, meus traços e estilo de desenho se modificaram”. – R.

“Minha prima ia lá em casa, pegávamos um vaso pra desenhar em nosso caderno. Foi bem nesse momento que descobri que tinha facilidade em desenhar”.- L.

O conteúdo exposto nesta aula se referiu à linguagem do desenho na Ditadura Civil Militar no Brasil, e no decorrer desta surgiu de maneira não planejada, um debate tendo como assunto norteador, o Porquê que em muitos momentos nas aulas de Arte, nas atividades que a linguagem do desenho esta inserida predomina um ensino semelhante a do Brasil Império e do período da Ditadura. As respostas foram:

“Semana passada tive minha primeira experiência dentro de sala de aula de artes e já abriu minha mente. Estudar sobre o ensino dentro da faculdade e ter a experiência em sala são totalmente diferentes. Na sala da pra ver como cada aluno e turma se comportam para adaptar as atividades. Lembro do relato da Fabrícia (Professora do Departamento de Artes) de quando ela era professora em escola. Ela tinha que buscar o material de artes em outro andar e trazer pra sala dos alunos. Refleti nisso e vi que apesar de pouco material, o papel do professor se adaptar na situação que tem é de extrema importância para mudança na vida do aluno”.- R.

“No estágio tenho acompanhado as aulas de artes com a turma do 3ºano do Fundamental. Observando a prática da professora, pude perceber uma preocupação e preparação nas atividades em sala, ela sempre busca explorar diferentes materiais para dar forma aos desenhos, seja com tinta, utilizando os dedos como pincéis, ou desenhando apenas com lápis de cor. Geralmente a professora traz um tema específico, como tons quentes e frios, por exemplo. Então ela explica como os estudantes irão dar forma ao desenho e dá a liberdade para se expressarem.”- L.

As respostas descritas acima, não devem ser consideradas como afirmações que possuem uma conclusão, pois o ensino do desenho nas escolas de maneira semelhante a do período do Brasil Império e da Ditadura Civil Militar, ainda predomina devido a inúmeros fatores, desde a condição financeira da escola, sua proposta pedagógica sobre o ensino de Arte, até a formação dos docentes, planejamento pessoal de cada um, visão individual da pratica do desenho e etc.

A última aula do curso se desenvolveu de maneira diferente das três aulas, começando pelos slides que foram criados contendo mais texto do conteúdo a ser exposto, pois como era sobre o objeto de estudo, ou seja, o Movimento das Escolinhas de Arte e tal tema era complexo e iria mais tarde servir como norte para a produção do trabalho final, optou-se a utilização do recurso textual de forma mais detalhada nos slides, para que após a aula pudesse ser compartilhado por e-mail com as alunas. A aula foi dividida em dois momentos: Contexto Histórico e Proposta Pedagógica do Movimento; até então, iria ser dividida em três momentos, sendo o último reservado para a explicação acerca da metodologia utilizado pelo dito cujo, entretanto, não havia sido escrito no artigo sobre.

A opção deste recurso textual, também foi considerada, pois observou-se que as alunas não estavam conseguindo produzir os fichamentos dentro dos prazos estabelecidos, devido suas próprias rotinas e afazeres. Lembrando que, após todas as aulas com o intuito de servir como presença, material de apoio e complementar a carga horária do curso, era enviado um texto e estabelecido uma data de entrega para cada fichamento.

Sendo assim, optou-se também estabelecer uma data limite para a entrega dos fichamentos, a fim de priorizar a entrega do trabalho final e dar mais tempo as participantes de produzirem tais. A data limite ficou para o dia 07/05/2022.

Já o trabalho final, ficou para ser entregue no dia 16/04/2022. Os prazos tanto dos fichamentos e quanto do último trabalho, buscou sempre serem flexíveis, respeitando o tempo disponível das participantes, assim como o Cronograma do Trabalho de Conclusão de Curso fornecido pela Coordenação do Curso de Artes Visuais. Através do diálogo e opções de datas, não houve conflito na entrega de ambos e os resultados dos trabalhos finais foram bastante positivos, os quais serão comentados no subcapítulo a seguir.

As orientações do trabalho final foram planejadas da seguinte forma conforme mostra a imagem abaixo:

**ATIVIDADE FINAL: ELABORAÇÃO DA PROPOSTA
PEDAGÓGICA SOBRE O ENSINO DO DESENHO NAS SALAS
DE AULA.**

DATA DE ENTREGA: 08/04/2022.

A partir dos conteúdos abordados nas aulas e também dos fichamentos produzidos pelos alunos.

Critérios de avaliação:

- Adequação à proposta estabelecida pela professora;
- Argumentação e fundamentação teórica.
- Relação dos conteúdos trabalhados com o parecer pessoal de cada aluno (a).
- Atenção às normas ABNT, digitalização e a estrutura do texto em si.

- Limite de páginas 5-10 páginas.

DATA LIMITE PARA A ENTREGA DOS FICHAMENTOS: 16/04/2022

(Imagem 4: Orientações do Trabalho Final).

Da mesma maneira que se buscou não ter a rigidez quanto às datas de entregas, foi considerado não ser inflexível quanto ao seguimento das orientações, como por exemplo, ter nos manuscritos as normas da ABNT e o número de páginas. Tais recomendações eram direções, a fim de que pudessem produzir de maneira organizada os trabalhos, porém o que foi considerado de fato foram os três primeiros pontos mostrados na imagem acima. No decorrer do curso, atendendo a solicitação das alunas, foi produzido um Roteiro de Escrita do Trabalho Final para melhor orientação na produção dos manuscritos (**ANEXO 3**).

3.4 FINALIZAÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O CURSO.

Apesar das desistências e do curso ter sido finalizado com somente duas alunas, o material coletado através dos relatos de cada participante, assim como as conversas que surgiram no decorrer das aulas, fizeram com que o curso obtivesse bons resultados e as expectativas perante este fossem atendidas.

Por mais que o curso tenha ocorrido de forma remota, isto não impediu de que fosse possível acontecer o levantamento de questões e relatos pessoais acerca da linguagem do Desenho que é tão presente nas salas de aula e independente da formação das participantes, se em Pedagogia ou em Arte, a relevância do ensino do desenho nas escolas ficou evidente em cada parecer das alunas que participaram deste curso.

A respeito das Propostas pedagógicas, que como esta descrito no Plano de Ensino (**ANEXO 1**) foi o Trabalho Final deste curso e obteve-se bons resultados. Por exemplo, a que

foi criada pela aluna R se baseou principalmente na autora Ana Mae Barbosa (2019) e teve como publico alvo, os alunos que tivessem de 8 a 13 anos de idade. Descreve que esta faixa etária, possui altos saltos de desenvolvimento e absorvem o conhecimento de forma surpreendente e devido a isto, a aluna considerou ser um bom publico alvo de se trabalhar.

Pontua que as Escolinhas de Arte, trabalhavam de forma semelhante ao método Montessoriano, onde buscava proporcionar à criança a autonomia e respeitavam seu espaço, assim como seu tempo de aprendizagem. A aluna discorre sobre seu pensamento acerca do ambiente que esta disponível atualmente para que fosse possível trabalhar tal proposta, portanto, este se constitui de uma sala de aula não muito grande com carteiras feitas para adolescentes e adultos. Neste caso, pensando nas crianças, o chão seria utilizado com bastante frequência.

Em relação à escolha dos materiais, a aluna optou por serem variados, desde pincéis, lápis de diferentes gramaturas, assim como os papéis, giz pastel e de cera e tintas das mais variadas formas. Relata que através de sua experiência como estagiária, observou que as crianças brasileiras possuem um conhecimento escasso sobre o desenho, e neste sentido, não tiveram acesso a diferentes materiais, somente ao grafite, lápis de cor e na maioria dos casos, a guache. Para ela, isto faz com que as crianças não tenham o conhecimento acerca do estudo das cores, como se expressar por meio delas, o uso da sombra e etc.

A aluna pensou nesta proposta com a duração de dois meses de aula, trabalhando tanto a prática quanto a teoria. Na parte teórica, decidiu optar pela análise de quadros, visitar museus e conversar sobre os trabalhos artísticos e sobre os artistas, mas afirma que esta faixa etária se distrai com facilidade, portanto, o método de trazer diferentes ações é o mais adequado. A atividade que a aluna gostaria de propor para seu respectivo publica de discentes, seria as que trabalhassem as cores, manchas, luz e sombra e tais seriam realizadas em lugares abertos onde os alunos pudessem ter contato com a luz natural e observassem a natureza.

Além destas atividades, haveria momentos onde pudessem produzir o que viesse a mente, mas relacionando tais produções com os assuntos abordados nas aulas; ocorreria grande relação entre os próprios alunos para que pudessem obter outros conhecimentos gráficos e teóricos no decorrer das aulas.

Já na Proposta Pedagógica da aluna L, o publico alvo escolhido foi a do 3ºano do Ensino Fundamental I, onde os alunos que estão inseridos nesta classe têm em torno de 7 a 9 anos. Sua fundamentação teórica é composta pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), utilizando como objeto de conhecimento os “elementos da linguagem” pautado na habilidade EF15AR02, que consiste em explorar, e reconhecer elementos constitutivos das Artes Visuais,

sendo estes, ponto, linha, forma, cor, espaço e movimento, mas também trouxe autores como Fusari e Ferraz (2009) e nos autores Rosa Iavelberg e Fernando Chui de Menezes (2012).

Pontua que, neste ano são de suma importância a Alfabetização e o Letramento e, sendo assim, decidiu iniciar o semestre abordando a importância das linguagens e da comunicação, transitando pela Língua Portuguesa de forma mais gramatical e pela História, abordando sobre os diversos meios de comunicação utilizados pela humanidade desde o período da Pré-história. A respeito do desenvolvimento das aulas, planejou o que nomeou como a “Hora do Desenho”, onde depois de uma breve explanação e exposição do conteúdo, como, por exemplo, sobre as Pinturas Rupestres, os alunos iriam para um lugar aberto para fazer desenhos com as tintas e as mãos em um mural fixado na parede.

Após este momento, se baseando na aprendizagem compartilhada pontuada pelos autores Rosa Iavelberg e Fernando Chui de Menezes (2012), a aluna L planejou criar uma situação onde os alunos pudessem trocar suas produções, a fim de que dialoguem sobre seus desenhos onde um irá aprender o que o seu colega gostaria de comunicar através de seu desenho. Além desta situação, buscou trazer como meios de comunicação à utilização da caneta tinteiro, onde a usarão com penas e tintas para desenhar, escrever uma breve carta para alguém, usar o telégrafo, ou até mesmo o código Morse que utiliza pontos e linhas. Quanto a duração, decidiu ser de 1 mês e meio nas aulas teria materiais como, por exemplo, tinta, papel Kraft, penas, recipientes pequenos, o código Morse impresso, exemplos de pinturas rupestres e a caneta tinteiro.

Através destas propostas pedagógicas descritas anteriormente, podemos afirmar que, além da relevância e importância de novas abordagens acerca do ensino do Desenho na escola, é possível a construção de tais, apoiada em outras disciplinas como é descrito na proposta da aluna L, o que reafirma o lugar da Arte como matéria Interdisciplinar. Da mesma maneira, vemos que há formas de se construir propostas de acordo com a realidade escolar de cada instituição de ensino, respeitando suas condições físicas e materiais, assim como buscar meios de se respeitar o tempo de aprendizagem e de desenvolvimento de cada discente como esta descrito na proposta da aluna R.

Portanto, os objetivos deste curso desde a análise histórica sobre a linguagem do Desenho no ensino Regular até a produção das Propostas Pedagógicas foram correspondidos com sucesso. Através dos relatos de cada discente, assim como as Propostas Pedagógicas descritas anteriormente, podemos observar a relevância e a importância de se debater sobre novas propostas do ensino do desenho nas salas de aula, visto que tal linguagem esta presente desde a infância, e é de fato a que aparece com frequência nas atividades artísticas

desenvolvidas dentro da escola e faz com que o aluno alcance o lugar onde este cria, pensa, olha para si assim como olha para seu próximo; faz com que o aluno perceba o mundo ao seu redor com sensibilidade e com outra perspectiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da arte assim como o do desenho no Brasil por longo período foi concebido no ambiente escolar como um método que foi impresso nos estudantes, a fim de que contribuíssem para com o processo de modernização e de industrialização, através da realização de exercícios os quais eram ligados a geometria com o objetivo final de que produzissem conforme as técnicas que lhes eram impostas e o produto final deveria corresponder com o grau técnico que cada exercício exigia e com a expectativa do docente.

Entretanto, com a instauração do Movimento que proporcionou mudanças pedagógicas e ideológicas no âmbito educacional artístico, esta racionalidade e produtividade tão presente nas escolas daquela época, começaram a ser deixado de lado para que outra proposta pedagógica pudesse de fato a iniciar uma reforma no pensamento e na didática do ensino da linguagem do desenho nas salas de aula. Tal, trouxe os estudantes, mas também os educadores ao lugar que esta linguagem nos convida: o de perceber o mundo ao nosso redor, o de olhar para nós mesmos, o de notar o próximo, assim como, a comunicação de ideias, pensamentos, sentimentos, suposições, descobertas e etc., características que o Desenho carrega consigo. Além disto, o pensamento sobre a técnica, podemos afirmar que foi reestruturado por este movimento.

Felizmente, com a repercussão destas mudanças surgiu o Movimento Escolinhas de Arte. Este, podemos considerar que, consumaram na prática os valores que começaram a serem levados em consideração pelos artistas, professores e demais profissionais em relação a didática do ensino da arte, como, por exemplo, a criatividade, a auto expressão e o estímulo do potencial criativo que a criança possui. A consumação foi bem sucedida ao ponto de que estas práticas foram introduzidas nas escolas (mesmo que por curto período) e reflete no exercício do docente até hoje.

Atualmente, podemos observar ou especular que há educadores de arte que buscam em suas aulas através da linguagem do desenho, de trazer seus alunos ao lugar onde são valorizados em sua totalidade: seus gostos, sua estética, suas criações, sua fala, suas ações e etc., são importantes, da mesma maneira como é a relação entre o docente e seus alunos, onde pode haver trocas de repertórios, signos, conceitos e ideias que jamais foram vistos ou pensados.

Porém, por mais que haja esta pratica por parte destes educadores, devemos ainda lidar com o tecnicismo vinculado ao ato de produzir sem refletir, ou o do fazer por fazer que há nas escolas devido a vários fatores, dentre estes podemos citar o currículo escolar. Hoje,

com a certa liberdade em que temos ao propor exercícios e atividades aos alunos, devemos trazer nestas proposições a proposta pedagógica que os Movimentos citados trouxeram, para que seja deixado de lado o argumento de que aprender arte e a desenhar, serve somente para lazer ou acumular pontos no final do trimestre.

A Arte e dentro dela, a linguagem do desenho, nos acompanha desde a infância, servindo como um instrumento de comunicação, para depois prosseguirmos a exploração de técnicas, absorção de conceitos, ideias e a expressão do pensamento acerca de nós mesmos, do outro e do mundo. Uma proposta pedagógica que resgate esta essência e que afirme no aluno tal, definitivamente é a saída para que o argumento errôneo acerca da arte e do desenho em nossas escolas seja enfim descartado.

REFERENCIAS

ANTONIO, Ricardo Carneiro. **Arte na educação: o projeto de implantação de escolinhas de arte nas escolas primárias paranaenses (décadas de 1960-1970)**. 2008. 207f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: < http://www.ppge.ufpr.br/teses/D08_antonio.pdf > acesso em 2021.

BARBOSA, A. Barbosa, A. M. (1989). **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras**. Estudos Avançados, 3(7), p. 170-182. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8536> > acesso em 2021.

BARBOSA, A. (2019). Ensino do desenho no Brasil e da arte no Brasil. Revista Nava, v. 4 n. 1/2, p. 28-51. Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32059> > acesso em 2021.

BRASIL. **Lei de 15 de Outubro de 1827**. Disponível em: < https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html > acesso em 2021.

BRASIL. **Decreto nº 7.247, de 19 de Abril de 1879**. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html> > acesso em 2021.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971**. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html> > acesso em 2021.

BACARIN, Lígia Maria Bueno Pereira; NOMA, Amélia Kimiko. História do movimento de arte-educação no Brasil. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23. 2005**, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Disponível em: < <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23?start=540> > acesso em 2021.

COSTA, F. C. B. A Contribuição do Movimento Escolinhas de Arte no Ensino de Arte em Santa Catarina. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 8, n. 8, p. 10-27, 2013. DOI: 10.5965/2358092508082010010. Disponível em: < <https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/3068> > . Acesso em: 2022.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o ensino do desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 5.ed.-Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

IAVELBERG, R; MENEZES, F. C. O cultivo do desenho infantil na aprendizagem compartilhada In **ANPAP**, 2012. p. 660-672 Disponível em: < http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio4/rosa_iavelberg_e_fernando_chui.pdf > acesso em 2021.

LIMA, Sidiney P. Escolinha de Arte no Brasil: movimentos e desdobramentos In **ANPAP**, 2012. p. 454-465 Disponível em: <

http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio3/sidiney_peterson_lima.pdf > acesso em 2021.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio; CUNHA, A. S. T. . O ensino de desenho em livros de educação artística na década de 1970: nova área, velho conteúdo?. **EDUCAÇÃO (SANTA MARIA. ONLINE)**, v. 45, p. 01-30, 2020. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/38010/html> > acesso em 2021.

PEIXOTO, Marge Faria do Amaral. ESCOLINHA MUNICIPAL DE ARTE DE PELOTAS E SUAS BASES METODOLÓGICAS. **25º Encontro da ANPAP Arte: seus espaços e em nosso tempo**, Porto Alegre, RS. Simpósio 4- História do ensino da arte, seu espaço e em nosso tempo: o agora já é história, 2016. Disponível em: < http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s4/marge_faria_amaral_peixoto.pdf > . Acesso em: 2022.

SILVA, J. C. C. ; MEDEIROS NETA, O. M. de . O ENSINO DE DESENHO NO BRASIL IMPÉRIO (1879-1889). Perspectivas e Diálogos: **Revista de História Social e Práticas de Ensino**, v. 1, p. 102-119, 2019. Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/nhipe/article/view/6554> > acesso em 2021.

ANEXOS

ANEXO 1- PLANO DE ENSINO:

PLANO DE ENSINO 2022

Disciplina: História do Ensino do Desenho no Brasil								Código:	
Natureza: (X) Obrigatória () Optativa		(X) Semestral () Anual () Modular							
Pré-requisito:		Co-requisito:		Modalidade: () Presencial (x) Totalmente EaD () _____ *C.H.EaD					
CH Total: 20 CH semanal: 02	Padrão (PD): 20	Laboratório (LB):	Campo (CP):	Estágio (ES): 00	Orientada (OR): 00	Prática Específica (PE): 00	Estágio de Formação Pedagógica (EFP):	Extensão (EXT): 00	Prática como Componente Curricular (PCC): 00
Número de turmas: 01				Número de vagas para cada turma: 10					
EMENTA (Unidade Didática)									
Introdução a História do ensino do desenho artístico no Brasil.									
PROGRAMA (itens de cada unidade didática)									
<ol style="list-style-type: none"> 1. A História do ensino do desenho no Brasil Império. 2. O ensino do desenho na Semana da arte Moderna e o Movimento Arte-Educação 3. O ensino do desenho na Ditadura Civil Militar. 4. Movimento Escolinhas de Arte: Contexto Histórico e Proposta Pedagógica. 									
CRONOGRAMA DETALHADO DE EXECUÇÃO									
Data de início: 12/03/2022 Carga horária semanal: 2hrs de aulas síncronas e 2hrs de atividades síncronas (totalizando 8hrs de aula síncronas e 10h de atividades). Cronograma detalhado: Atividades Síncronas (CH 8h) 1. 12//03/2022- 10h-12h 2. 19/03/2022- 10h-12h 3. 26/03/2022- 10h-12h 4. 02/04/2022- 10h-12h									

Atividades Assíncronas (CH 10h)

As atividades serão:

1. Fichamento de 4 textos (2hrs para cada fichamento) Total: 8hrs
2. Elaboração de Proposta Pedagógica. (2hrs)

OBJETIVO GERAL

Pensar sobre o ensino do desenho no Brasil e sobre suas outras abordagens, deslocando-o do caráter técnico e profissionalizante preestabelecido nas instituições escolares.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar a trajetória do ensino do desenho no Brasil, sobre o Movimento Escolinhas de Arte e suas contribuições.
- Propor aos educadores da área de artes outro olhar e prática sobre o ensino do desenho, deslocando-se do ensino técnico e incentivar a construção da sala de aula como um lugar de experimentação seguindo o exemplo do MEA (Movimento Escolinhas de Arte).
- Trazer a partir da análise da proposta pedagógica e das metodologias do MEA (Movimento Escolinhas de Arte) um curso que traga novas abordagens sobre o ensino do desenho.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Os **encontros síncronos (CH 8h)** serão precedidos de **atividades assíncronas (CH 10h)** onde serão realizados fichamentos de textos que irão juntamente com os conteúdos trabalhados, orientar a **elaboração de uma proposta pedagógica**. As atividades síncronas e assíncronas serão realizadas através da **plataforma Jiitsi Meet ou pelo Google Meet**.

FORMAS DE AVALIAÇÃO

1,0 ponto: Participação e engajamento nas atividades síncronas e assíncronas;

4,0 pontos: Realização e entrega dos fichamentos.

5,0 pontos: Atividade Final: Elaboração da Proposta Pedagógica sobre o Ensino do Desenho nas salas de aula.

Critérios de avaliação sobre a Atividade Final:

- Adequação à proposta estabelecida pela professora;
- Argumentação e fundamentação teórica.
- Relação dos conteúdos trabalhados com o parecer pessoal de cada aluno (a).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA (mínimo 03 títulos)

ANTONIO, Ricardo Carneiro. Arte na educação: o projeto de implantação de escolinhas de arte nas escolas primárias paranaenses (décadas de 1960-1970). 2008. 207f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: < http://www.ppge.ufpr.br/teses/D08_antonio.pdf > acesso em 2021.

BARBOSA, A. (2019). Ensino do desenho no Brasil e da arte no Brasil. Revista Nava, v. 4 n. 1/2, p. 28-51. Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32059> > acesso em 2021.

LIMA, Sidiney P. Escolinha de Arte no Brasil: movimentos e desdobramentos In ANPAP, 2012. Disponível em: < http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio3/sidiney_peterson_lima.pdf > acesso em 2021.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR (mínimo 05 títulos)

BARBOSA, A. Barbosa, A. M. (1989). Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. Estudos Avançados, 3(7), p. 170-182. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/85> > acesso em 2021.

BACARIN, Lígia Maria Bueno Pereira; NOMA, Amélia Kimiko. História do movimento de arte-educação no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Disponível em: < <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23?start=540> > acesso em 2021.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o ensino do desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 5.ed.-Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

IABELBERG, R; MENEZES, F. C. O cultivo do desenho infantil na aprendizagem compartilhada In ANPAP, 2012. Disponível em: < http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio4/rosa_iavelberg_e_fernando_chui.pdf > acesso em 2021.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio; CUNHA, A. S. T. . O ensino de desenho em livros de educação artística na década de 1970: nova área, velho conteúdo?. EDUCAÇÃO (SANTA MARIA. ONLINE), v. 45, p. 1-30, 2020. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/38010/html> > acesso em 2021.

SILVA, J. C. C. ; MEDEIROS NETA, O. M. de . O ENSINO DE DESENHO NO BRASIL IMPÉRIO (1879-1889). Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino, , v. 1, p. 102-119. 2019. Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/nhipe/article/view/6554> > acesso em 2021.

Professora da Disciplina: Rebecca Grein Pereira

Chefe de Departamento ou Unidade equivalente:

ANEXO 2- PLANOS DE AULA:

CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II- PLANO DE AULA.

Disciplina: HISTÓRIA DO ENSINO DO DESENHO NO BRASIL. **Professor(a)**
Regente: REBECCA GREIN PEREIRA.

Natureza: Obrigatória/ Semestral. **Modalidade:** EaD.

AULA 1.

CONTEÚDO:

A História do Ensino do Desenho: Brasil Império.

OBJETIVOS:

1. Propor um espaço para reflexão e debate sobre nossas experiências com o aprendizado da disciplina de Desenho em sala de aula.
2. Expor aos alunos uma breve contextualização do início da disciplina de desenho, nas escolas brasileiras durante o período do Imperialismo no Brasil.
3. Analisar as principais intenções na proposta pedagógica da disciplina de Desenho nesta época.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Baseados nos relatos dos autores Ana Mae Barbosa, Juan Carlo da Cruz Silva e Olívia Morais de Medeiros, no conteúdo desta aula inicial serão apresentados o início da organização, instauração e elaboração da proposta pedagógica da disciplina do Desenho nos ambientes escolares na época do Imperialismo Brasileiro, assim como as intenções e interesses escondidos por trás da estrutura de tal matéria escolar, os quais podemos considerar que estavam vinculados ao forte crescimento da indústria no Brasil.

REFERENCIAS:

BARBOSA, A. (2019). Ensino do desenho no Brasil e da arte no Brasil. Revista Nava, v. 4 n. 1/2, p. 28-51. Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32059> > acesso em 2021.

SILVA, J. C. C. ; MEDEIROS NETA, O. M. de . O ENSINO DE DESENHO NO BRASIL IMPÉRIO (1879-1889). Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino, , v. 1, p. 102-119, 2019. Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/nhipe/article/view/6554> > acesso em 2021.

METODOLOGIA:

Como o curso será no formato EaD, irá ser produzido uma apresentação pela plataforma do Google Slides contendo conceitos chaves que serão o norte para a exposição do conteúdo, assim como para a abertura de reflexões e/ou questões entre os participantes do curso e a professora regente.

AVALIAÇÃO E ATIVIDADES:

Serão avaliados os seguintes pontos:

1. Participação dos discentes (1,0 ponto)
2. Entrega do fichamento I (4,0 pontos) conforme consta no final do documento, que contará como presença e auxílio para a execução da atividade final e deverá ser entregue 1 dia antes da aula síncrona.

DURAÇÃO: 2h

AULA 2.

CONTEÚDO:

O Ensino do Desenho na Semana da Arte Moderna e o Movimento Arte-Educação.

OBJETIVOS:

1. A partir dos conteúdos trabalhados na aula anterior, compreender a reforma educacional que modificou a disciplina de artes em geral, mas que especificamente no desenho houve a busca de romper a ligação entre esta área com a indústria criada no Brasil Império.

2. Expor aos alunos uma breve contextualização desta reforma educacional, assim como seus ideais, teóricos que influenciaram abordagens pedagógicas e etc.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Baseados nos relatos dos autores Ana Mae Barbosa, Ligia Maria Bueno Pereira Bacarin, Amélia Kimiko Noma e Ricardo Carneiro Antonio, esta segunda aula irá abordar uma breve contextualização da reforma educacional que ocorreu na época da Semana de Arte Moderna no Brasil, o qual foi o estopim para que ocorresse o início do Movimento de Arte-Educação que defendia a reestruturação pedagógica da disciplina de artes nas escolas, e que como proposta expunha a necessidade de influenciar e trabalhar a auto expressão, criatividade e experimentação de materiais nas aulas da disciplina já mencionada.

REFERENCIAS:

ANTONIO, Ricardo Carneiro. **Arte na educação:** o projeto de implantação de escolinhas de arte nas escolas primárias paranaenses (décadas de 1960-1970). 2008. 207f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: < http://www.ppge.ufpr.br/teses/D08_antonio.pdf > acesso em 2021.

BARBOSA, A. (2019). Ensino do desenho no Brasil e da arte no Brasil. Revista Nava, v. 4 n. 1/2, p. 28-51. Disponível em: < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32059> > acesso em 2021.

BACARIN, Lúgia Maria Bueno Pereira; NOMA, Amélia Kimiko. História do movimento de arte-educação no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Disponível em: < <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23?start=540> > acesso em 2021.

METODOLOGIA:

Como o curso será no formato EaD, irá ser produzido uma apresentação pela plataforma do Google Slides contendo conceitos chaves que serão o norte para a exposição do conteúdo, assim como para a abertura de reflexões e/ou questões entre os participantes do curso e a professora regente.

AVALIAÇÃO E ATIVIDADES:

Serão avaliados os seguintes pontos:

1. Participação dos discentes (1,0 ponto)
2. Entrega do fichamento II (4,0 pontos) conforme consta no final do documento, que contará como presença e auxílio para a execução da atividade final e deverá ser entregue 1 dia antes da aula síncrona.

DURAÇÃO: 2h

AULA 3.

CONTEÚDO:

O Ensino do Desenho na Ditadura Civil Militar.

OBJETIVOS:

1. Estudar o período da Ditadura Militar de forma breve e resumida, focando no retorno da linguagem do Desenho ao lugar onde esta área foi conectada a matemática, geometria e de certa forma a indústria Brasileira, ou seja, espaço que lhe foi concedido durante o Brasil Imperial.

2. Analisar os motivos que levaram a disciplina do Desenho a retornar a este lugar, assim como, buscar compreender o porquê que a questão da criatividade, auto expressão e experimentação foram de certa forma retiradas da didática do ensino do desenho neste período.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Baseados nos relatos de Ana Mae Barbosa em seu outro manuscrito e no de Dulce Regina Baggio Osinski junto com sua colega Amanda Siqueira Torres Cunha, veremos que a linguagem do desenho neste período da Ditadura Civil Militar no Brasil devido a forte repressão e ao autoritarismo estabelecido no país, os ideais pedagógicos trazidos pelo movimento de Arte-Educação (estimulo a criatividade, experimentação e a auto expressão por parte do docente para com os alunos) perderam força e espaço na didática do ensino do desenho nos ambientes escolares, trazendo esta área ao vinculo com a matemática e geometria e tal, podemos afirmar que é o retorno da didática, metodologia e ensino estabelecido no Brasil Império.

REFERENCIAS:

BARBOSA, A. Barbosa, A. M. (1989). **Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras.** Estudos Avançados, 3(7), p. 170-182. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8536>> acesso em 2021.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio; CUNHA, A. S. T. . O ensino de desenho em livros de educação artística na década de 1970: nova área, velho conteúdo?. **EDUCAÇÃO (SANTA MARIA. ONLINE)**, v. 45, p. 01-30, 2020. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/38010/html> > acesso em 2021.

METODOLOGIA:

Como o curso será no formato EaD, irá ser produzido uma apresentação pela plataforma do Google Slides contendo conceitos chaves que serão o norte para a exposição do conteúdo, assim como para a abertura de reflexões e/ou questões entre os participantes do curso e a professora regente.

AVALIAÇÃO E ATIVIDADES:

Serão avaliados os seguintes pontos:

1. Participação dos discentes (1,0 ponto)
2. Entrega do fichamento III (4,0 pontos) conforme consta no final do documento, que contará como presença e auxílio para a execução da atividade final e deverá ser entregue 1 dia antes da aula síncrona.

DURAÇÃO: 2h

AULA 4.

CONTEÚDO:

Movimento Escolinhas de Arte: Contexto Histórico e Proposta Pedagógica.

OBJETIVOS:

1. Estudar o contexto histórico e a Proposta Pedagógica do MEA (Movimento Escolinhas de Arte).
2. Refletir sobre a didática aplicada no ensino da Arte nas aulas promovidas pelas Escolinhas, assim como a relação entre aluno, seus colegas e o professor.
3. A partir dos pontos anteriores, buscar refletir e argumentar sobre a proposta pedagógica deste movimento com o intuito de trazer tal para a sala de aula nos dias atuais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Baseados nos relatos de Sidiney Peterson F. de Lima e das reflexões acerca da linguagem do Desenho e seu ensino de Rosa Iavelberg e Fernando Chui de Menezes, nesta aula serão abordados sobre o contexto histórico do Movimento Escolinhas de Arte que nasceu no período do Movimento de Arte-Educação como resposta as propostas pedagógicas que surgiram na época, as quais tinham como objetivo além do estímulo a criatividade, auto expressão e experimentação de variadas técnicas e materiais, a reconstrução do pensamento acerca da sala de aula, da relação do aluno com o docente e seus demais colegas, assim como, renovação do pensamento e visão acerca do ensino e aprendizagem da Arte e nisto podemos incluir a linguagem do desenho também. Veremos que este Movimento foi em suma a prática desta pedagogia artística, levantada e defendida neste período que mais teve repercussão e podemos afirmar que seu trabalho é reconhecido e colocado em prática nos dias atuais.

REFERENCIAS:

IAVELBERG, R; MENEZES, F. C. O cultivo do desenho infantil na aprendizagem compartilhada In **ANPAP**, 2012. p. 660-672 Disponível em: < http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio4/rosa_iavelberg_e_fernando_chui.pdf > acesso em 2021.

LIMA, Sidiney P. Escolinha de Arte no Brasil: movimentos e desdobramentos In **ANPAP**, 2012. p. 454-465 Disponível em: < http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio3/sidiney_peterson_lima.pdf > acesso em 2021.

METODOLOGIA:

Como o curso será no formato EaD, irá ser produzido uma apresentação pela plataforma do Google Slides contendo conceitos chaves que serão o norte para a exposição do conteúdo, assim como para a abertura de reflexões e/ou questões entre os participantes do curso e a professora regente.

AVALIAÇÃO E ATIVIDADES:

Serão avaliados os seguintes pontos:

1. Participação dos discentes (1,0 ponto)
2. Entrega do fichamento IV (4,0 pontos) conforme consta no final do documento, que contará como presença e auxílio para a execução da atividade final e deverá ser entregue 1 dia antes da aula síncrona.

DURAÇÃO: 2h

ATIVIDADES ASSÍNCRONAS.

Fichamentos: (4,0 pontos 2hrs cada).

OBS.: Vale presença!

I. BARBOSA, A. (2019). Ensino do desenho no Brasil e da arte no Brasil. Revista Nava, v. 4 n. 1/2, p. 28-51. Disponível em: <
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32059> > acesso em 2021.

II. BACARIN, Lígia Maria Bueno Pereira; NOMA, Amélia Kimiko. História do movimento de arte-educação no Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM. Disponível em: <
<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23?start=540> > acesso em 2021.

III. LIMA, Sidiney P. Escolinha de Arte no Brasil: movimentos e desdobramentos In ANPAP, 2012. Disponível em: <
http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio3/sidiney_peterson_lima.pdf > acesso em 2021.

IV. IAVELBERG, R; MENEZES, F. C. O cultivo do desenho infantil na aprendizagem compartilhada In ANPAP, 2012. Disponível em: <
http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio4/rosa_iavelberg_e_fernando_chui.pdf > acesso em 2021.

Prazo de entrega: 1 dia com antecedência a cada aula.

ATIVIDADE FINAL: ELABORAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICA SOBRE O ENSINO DO DESENHO NAS SALAS DE AULA (5,0 pontos 2hrs)

A partir dos conteúdos abordados nas aulas e também dos fichamentos produzidos pelos alunos. O prazo de entrega será de mais ou menos 1 semana (o prazo fixo ainda será avaliado com os alunos).

Critérios de avaliação:

- Adequação à proposta estabelecida pela professora;
- Argumentação e fundamentação teórica.
- Relação dos conteúdos trabalhados com o parecer pessoal de cada aluno (a).
- Atenção às normas ABNT, digitalização e a estrutura do texto em si.

OBS.: O manual das normas ABNT, assim como o auxílio oferecido pela professora regente estarão disponíveis pela plataforma. Esta atividade também conta como presença.

CARGA HORÁRIA TOTAL: 18h.

DATAS FICHAMENTOS:

I. 18/03/2022- Presença: 12/03/2022.

II. 25/03/2022- Presença: 19/03/2022.

III. 01/04/2022- Presença: 26/03/2022.

IV e TRABALHO FINAL. 08/04/2022- Presença: 02/04/2022.

ANEXO 3- ROTEIRO DE ESCRITA DO TRABALHO FINAL

	<p style="text-align: center;">Universidade Federal do Paraná Departamento de Artes CURSO: A HISTÓRIA DO ENSINO DO DESENHO NO BRASIL E AS CONTRIBUIÇÕES DO MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE.</p>
---	---

Nome da aluna:

Licenciatura em Artes Visuais

Nome da professora (a): Rebecca Grein Pereira

**TÍTULO: PROPOSTA PEDAGÓGICA DO ENSINO DO DESENHO PARA AS
 AULAS DE ARTE EM ESCOLAS DE ENSINO REGULAR.**

ALGUMAS NORMAS:

- Fonte: Times New Roman ou Arial tamanho 12. Tamanho 10 se for citação longa de mais de três linhas.

- Início de parágrafo: recuo de 1,5 na primeira linha. Espaçamento: 1,5.

- Referências bibliográficas: No final do texto em ordem alfabética.

- Coloque no modo justificado todo o corpo do texto.

TÓPICOS:

-Introdução.

- Desenvolvimento/ referencial teórico.

- Considerações finais.

Sobre o desenvolvimento:

- Escreva uma proposta pedagógica do ensino do desenho para a sala de aula.

- Defina: Proposta para uma faixa etária específica ou para qualquer idade.

- Se baseie nos conteúdos das aulas. Se tiver algum conteúdo de fora, como por exemplo, alguma vertente pedagógica, pode se basear também.

- Se coloque no lugar de Docente: pense na estrutura física, nos materiais e abordagem (didática).

- Pense na proposta dos exercícios: Quais trabalhar? Deve trabalhar?